

**Programa de Candidatura do
Movimento Associativo da
Facul. Ciências de Lisboa
1968-69**



e
i
o

**entre um estu-
dante novo e uma
universidade nova**

ASSEMBLEIA GERAL

PRESIDENTE - Manuel Alberto Lopes
da Costa Alves

VICE-PRESIDENTE - Luis Jorge Rodrigues
Monteverde

1º SECRETARIO - António José Andrade
Boronha

2º SECRETARIO - Maria Cecília Miraldes
Pintassilgo

CONSELHO FISCAL

PRESIDENTE - José Manuel Geoffroy Prista

SECRETARIO - Agostinho António Roseta
dos Reis

RELATOR - Manuel Maneira

DIRECÇÃO

PRESIDENTE - Daniel Assunção Muller

VICE-PRESIDENTE - Carlos Manuel Marques
da Silva

VICE-PRES.REL.EXTERNAS- Jorge do Nascimento
Fernandes

VOGAL PEDAGOGICA- Augusto José dos Santos
Fitas

VOGAL PEDAGOGICA- Maria Teresa da Costa
Cabral Gaivão

VOGAL IMP.-PROP.- Pedro Ferraz de Abreu

VOGAL CULTURAL- João Delgado

VOGAL DESPORTIVO- José Manuel Valadas
Revez

SECRETARIO- Violante dos Reis Saramago

TESOUREIRO- Francisco José de Sousa e Faro
Baptista

PROGRAMA

DIRECÇÃO

Introdução

A lista do Movimento Associativo candidata às eleições propõe-se seguir durante o corrente ano uma orientação tendente à defesa dos mais legítimos interesses dos estudantes, dentro dos princípios do M.A.

Porque surgem estes princípios?

Em vista à necessidade de defender o interesse de todos os estudantes e na medida em que isso só será possível através da existência de um organismo forte, portanto único, integrando no seu seio todos os estudantes, não se poderá utilizar critério algum de selecção, seja ele de concepção política ou religiosa; daí os princípios de apoliticidade e arreligiosidade característicos do M.A. Da mesma forma, é necessário que o MA se debruce sobre os problemas políticos da sociedade portuguesa sob pena, de esquecendo o contexto em que se integram os problemas estudantis, não conseguir realmente definir a linha de actuação para os solucionar.

Como é evidente tudo isto só será salvaguardado se existir uma efectiva democracia, ou seja, se qualquer estudante tiver a mesma possibilidade real de interferir na linha de conduta do seu MA. Esta é a garantia máxima da sua força e honestidade.

Quais os interesses dos estudantes?

A Reforma global do Ensino que só será possível com a Democratização do mesmo.

A melhoria das condições materiais de estudo e as garantias do livre exercício profissional.

Qual a linha de actuação?

A necessidade de abertura aos cursos e de abertura à Nação, tendo assim prioridade absoluta respectivamente a luta pedagógica e a crítica dos problemas gerais da sociedade portuguesa, correlacionados com os aspectos particulares do Ensino.

Realça-se

Para que todos estes fins sejam realizados por todos os estudantes é necessário que estes participem nas estruturas da sua Associação gerida de uma forma absolutamente democrática.

Objectivos

Quanto ao trabalho prático a realizar propomo-nos a:

I) NO PLANO FEDERATIVO

- a) Reconhecimento dos órgãos federativos
- b) Formação dos esboços para uma futura União Nacional de Estudantes
- c) Revogação de toda a legislação que permita o afastamento de todas as direcções democraticamente eleitas
- d) Legalização de todas as Comissões Pró-Associativas
- e) Criação de condições para a existência de Associações onde ainda não as houver
- f) Efectuar a realização de actividades de tipo pedagógico e cultural com a colaboração e participação de outras Escolas

II) NO PLANO INTERNO

1. Objectivos gerais

- a) Reivindicar as instalações e a gerência do serviço de restaurante e bar da sede da Associação, segundo os princípios de Autonomia e Autogestão definidos no ponto sobre pedagógicas
- b) Remodelação do edifício da Associação
- c) Organizar uma Junta de Delegados que faça a ligação Direcção — Estudantes

2. Secção Pedagógica

- O estudante é um trabalhador intelectual
- Actualmente na nossa Universidade o estudante informa-se passivamente: é-lhe ministrado um conjunto de conhecimentos
- O estudante, pela vivência do quotidiano, toma contacto com uma realidade em movimento que permanece à margem do seu trabalho
- Esta separação produz nele um choque: tem de procurar um papel activo na criação do seu saber
- Tem de estabelecer uma interpenetração entre os conhecimentos que vai adquirindo e a experiência vivida: o conjunto dos conhecimentos orienta a experiência, os dados desta dão uma perspectiva mais elaborada àqueles, e este processo contínuo desenvolve-se
- O estudante constroi, produz, investiga, relaciona, critica, age.

Na nossa Faculdade de Ciências as normas mais elementares de garantia de um trabalho

intelectual não são respeitadas: horários de funcionamento de aulas ("bichas", sobreposições), superlotação das aulas teóricas e práticas (escassez de instalações, de corpo docente, de material didático, falta de vontade...), sebatas, o exame, ausência de livros na biblioteca e tantos outros problemas...

Tomando consciência de todas estas deficiências primárias os estudantes juntaram-se, para as tentar resolver, em reuniões de curso; aí se criaram equipas de trabalho de modo a estudarem e resolverem todos estes problemas.

Estas equipas de trabalho não tiveram ainda possibilidade de trabalhar eficazmente — serão portanto devidamente apoiadas e incentivadas com a existência da nova Associação. Assim poderão ser resolvidos problemas como: existência de monitores, aquisição de livros, funcionamento de salas de estudo.

Por outro lado, a um nível já mais elevado, os estudantes deparam com um ensino em que há uma separação entre o professor e o aluno, um ensino de cátedra, em que o estudante tem um papel meramente passivo e mnemónico. Em relação a este problema já houve iniciativas que serão também prolongadas e ampliadas:

- Criação de pequenos grupos de trabalho nas aulas práticas, que originam uma participação activa da parte dos estudantes na condução da aula
- Publicação antecipada de apontamentos e sumários das aulas teóricas, o que evita o escripta e permite o estudante (crítico)
- Dar curso à livre iniciativa sobre grupos de estudos versando qualquer tipo de matéria de modo a que a sua produção sirva a todos os estudantes
- Estudo, feito pelos estudantes de um mesmo curso, das matérias a dar em cada cadeira e da coordenação das mesmas ao longo de todo o curso.

A linha de orientação que salta à vista em todos estes processos é a implicação da responsabilização gradual do estudante pelo seu próprio ensino, em oposição ao pacifismo anterior. A autonomia e a autogestão na Associação de estudantes tornam-se assim indispensáveis para uma participação dos mesmos estudantes na construção do seu saber, na resolução dos seus problemas. E todas estas iniciativas e acções vão impondo uma prática de autonomia e autogestão universitárias.

A um nível superior, aparecem então os problemas gerais do ensino no país.

Para além do conhecimento que os estudantes têm destes problemas através da sua experiência concreta, à necessidade de uma ampla informação e debate dos temas mais complexos e que requerem um estudo especializado, que vão permitir ao estudante uma análise crítica da situação actual do ensino. Esses temas poderão ser:

- Acesso ao ensino
- Interacção Universidade—Sociedade
- Sistemas pedagógicos e ideologia da educação

Esta informação e discussão de problemas serão feitos a todos os níveis: nos grupos de turmas práticas, nas reuniões de curso, nos grupos de trabalho que delas surgem, nos grupos de trabalho que surgirão a nível de Faculdade; todo este trabalho de informação, documentação, elaboração e debate será canalizado para as mesas redondas que se organizarão próximamente na Faculdade, e para as mesas redondas que já se estão a organizar a nível federativo e que até aqui não tiveram contribuição dos estudantes da Faculdade de Ciências. Além disso, todo este trabalho será a base real da participação dos delegados dos estudantes aos grupos de trabalho sobre a Reforma do Ensino que surgiram nesta Faculdade por iniciativa dos professores. Quando estes delegados forem realmente representativos dos estudantes, eles farão parte do corpo da Associação pois ela é o único organismo representativo de todos os estudantes.

Com base na experiência vivida e refletida dos estudantes em ordem à modificação da situação do ensino e face à análise da situação actual da Universidade os estudantes vão sabendo que ensino é que querem, que Universidade é que queremos. Agora é que a autonomia e autogestão ganham um sentido mais amplo, estendendo-se a toda ela e contribuído para a construção da Universidade Nova através da Associação de Estudantes. Nessa construção o estudante vai participar activamente no estudo e na resolução a todos os níveis dos problemas da sociedade em que se situa (exemplo: a campanha de alfabetização).

Essa mesma Associação que vai ser construída por todos os estudantes, começa já a delinear-se com base no trabalho feito; a coordenação a nível de cursos é feita pelas comissões de curso, que coordenarão as equipas de trabalho sob problemas como mapas de exames, horários de aulas, bibliografia, etc., assim como os grupos de estudo sobre matérias científicas, e orientarão o trabalho de coordenação das cadeiras do curso.

Os grupos de trabalho especificamente pedagógico, que tratarão de problemas de ensino a nível de Faculdade terão naturalmente uma coordenação independente dos cursos.

E por último os grupos de estudo sobre matérias científicas poderão ser a base do Centro de Estudos Científicos.

3. Secção Cultural

Introdução

É função da secção cultural contribuir para a formação humanista do estudante, impedir a sua tecnocratização e dar-lhe meios para que ele possa compreender a realidade na-

cional que o cerca e dando-lhe assim possibilidade de actuar sobre ele.

É dever da secção cultural fomentar interesse nos cursos e por esse mesmo interesse fomentado estar apta a receber colaboradores desses mesmos cursos em todas as suas actividades sem a qual colaboração não poderá de modo algum atingir os seus fins.

Pretende concretamente organizar:

a) No plano federativo

- 1- Colaboração com a RIC (Reunião Inter Culturais) em organizações federativas
- 2- Em colaboração com esta organizar realizações de maior vulto em plano interno.

b) No plano interno

Com a organização dos seguintes grupos de trabalho, pretende a realização das seguintes actividades

- 1- Secção Fotográfica — que se encarregará, ao princípio, de colaboração com a secção da AEIST, da realização de trabalhos fotográficos como revelações, ampliações, montagens, etc.

Funcionará nela também um grupo de estudos de arte fotográfica com a intenção de ter a seu cargo a realização de exposições e colóquios.

- 2- Biblioteca da A.E.F.C.L. — ao fim de 3 anos de interregno começará a funcionar, sendo adquiridos livros novos de acordo com as sugestões dos estudantes nesse sentido. Em contactos com outras AAEE procurará obter o maior número possível de publicações destas.

Funcionará como seu agregado um grupo de Estudos Literários que procurará a realização de uma Feira do Livro e de colóquios sobre Literatura.

- 3- Grupo de Estudos Musicais — Levará a cabo a organização de actividades musicais, uma feira do disco e colóquios sobre música. Pretende-se a possível criação de um grupo de Jazz e de um Coral Alentejano.

- 4- Grupo de Estudos Cinematográficos Em colaboração com a secção fotográfica encarregar-se-á de trabalhos de cinema a preços reduzidos. Procurará realizar estudos em colaboração com a Secção Pedagógica sobre métodos audio-visuais de ensino a funcionar na Faculdade. Pretende-se a realização, de um filme de 16mm, exclusivamente pela Secção a ser exibido com outros comerciais

enquadrados em colóquios e debates sobre cinema.

- 5- Grupo de Estudos Teatrais — que pretende levar a efeito estudos sobre teatro popular e aplicação prática destes estudos em realizações a integrar no quadro geral de actividades.
- 6- Grupo de Estudos Económicos e Filosóficos — Que se encarregará da realização de colóquios sobre temas de interesse geral, de acordo com as sugestões apresentadas pelos estudantes e de assuntos de reconhecido interesse sobre temas universitários. Este grupo organizará um panorama de actividades convergentes para as do C.E.C.
- 7- Grupo de Estudos de Artes Plásticas — Com realização de visitas guiadas a exposições.

No âmbito de realizações de convívio em colaboração com outras secções pretende esta secção a efectivação ainda que tardia, de uma Semana de Recepção aos Novos Alunos, em moldes novos, dentro de uma maior camaradagem e espírito de integração na Associação de todos os estudantes.

4. Secção Desportiva

Enfermando o desporto universitário das alienações características do desporto nacional, cumpre às secções desportivas das AAEE modificar-lhe a orientação. Conseguir, simultaneamente, que o número activo de praticantes se desinteresse pelos aspectos ligados ao culto do "campeão", isto é, participem na desmistificação do "desporto-luta" só compreensível numa sociedade burguesa de concorrência e o substituam pelo "desporto-competição salutar".

Todos conhecemos a apatia dos praticantes desportivos, mais interessados na vida "clubista" da sua actividade, perante os problemas associativos, e todos conhecemos também as dificuldades que têm sentido as AAEE no sentido de enquadrar esses estudantes no seu espírito. Para essa aproximação e para esclarecimento dos fins do desporto na vida do estudante, vai a secção desportiva organizar colóquios sobre desporto e suas implicações, na sociedade, no rendimento do ensino, e consequente racionalização das formas como é praticado.

A secção desportiva vai pretender:

a) No plano federativo

- 1- Incrementar a prática desportiva a nível inter-associações e consequente projecção a nível nacional;
- 2- Integração da secção desportiva em

todas as secções que se venham a criar, ao nível de academia, para posterior participação em comissões de estudantes com o objectivo: "UNIVERSIADA - 69".

b) No plano interno

- 1- A discussão e aprovação de um estatuto geral da secção desportiva que faça a programação do funcionamento orgânico dos seus órgãos internos.
- 2- A organização democrática das sub-secções com a consequente descentralização da gestão e a criação de novas sub-secções autónomas na medida das necessidades sentidas pelos estudantes.
- 3- Catalizar o desporto feminino na F. de Ciências, dada a elevada percentagem de alunas e o carácter específico de que deve revestir a sua prática.
- 4- A promoção de torneios internos, com o fim de estreitar os laços de camaradagem e amizade entre todos os alunos da Faculdade.
- 5- A promoção de conferências para esclarecimento do processo "UNIVERSIADA - 69" e a criação de comissões que potencialmente venham a participar no referido processo.

PROGRAMA

ASSEMBLEIA GERAL

A Assembleia Geral é o órgão deliberativo dos estudantes. Nela desemboca toda a vida interna da Associação de tal modo que Associação e actividade associativa sejam duas modalidades de gestão estudantil intimamente relacionadas e interdependentes.

Nessa medida, a Mesa da Assembleia, deve saber interpretar o valor real da participação dos estudantes nos trabalhos:

- 1º- Participação viva e massiva
- 2º- Participação informada e informadora
- 3º- Participação formativa
- 4º- Dinamismo no cumprimento das deliberações tomadas.

Caso algum destes aspectos se veja subestimado nas preocupações da Direcção, a Mesa convocará a Assembleia para remoção dessas causas e que levavam ao isolamento dos estudantes pelos órgãos directivos.

Uma segunda parte das nossas preocupações dirige-se para a própria razão de ser da Mesa

- 1º- Dirigi-la de modo a procurar que as resoluções tomadas sejam coerentes com os fins nela expressos pelos estudantes
- 2º - Assegurar neutralidade activa em todos os actos da direcção da Assembleia
- 3º - Zelar pelo cumprimento das decisões nela tomadas por parte da direcção.

PROGRAMA

CONSELHO FISCAL

Ao concorrermos à eleição ao órgão Conselho Fiscal, temos em atenção os seguintes pontos:

- 1- O C.F. é, por excelência, o órgão fiscalizador de actividade associativa sendo o representante directo dos estudantes nessa fiscalização.
- 2- A actividade do C.F. deverá estar alargada a todos os aspectos da vida associativa, sobre todos, na medida do possível, elaborando o seu parecer.
- 3- O C.F. deverá dirigir os seus esforços para que haja, por parte das estruturas associativas, o cumprimento integral das decisões tomadas pelos estudantes. Nessa medida o C.F. deverá ser um órgão actuante, presente onde seja necessário.
- 4- Pelos estatutos é conferido ao C.F. o poder de convocar Assembleias Gerais sempre que tal seja necessário. Faz a lista candidata a intenção de utilizar amplamente esse poder quer por entender que a Direcção não cumpre cabalmente as directrizes apontadas pelos estudantes quer por julgar ser seu dever consultá-los sobre qualquer assunto em que se mostre duvidoso ou pouco delineado caminho a seguir.
- 5- E nossa intenção portanto transformar o C.F. numa estrutura que para além de fiscalizadora, seja dinamizadora do trabalho associativo.